

# E por falar em saudade: A morte e o luto online em tempos de COVID-19<sup>1</sup>

*Speaking of Longing: Death and Mourning Online in  
Times of COVID-19*

**Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski<sup>2</sup>**

**Joana Carolina Zuqui<sup>3</sup>**

**Natália Ferreira de Amorim<sup>4</sup>**

**Nayara Prado Sobrinho<sup>5</sup>**

**Palavras-chave:** Morte; Luto; Rituais Fúnebres; Pandemia; Internet.

**Resumo:** A morte é um fenômeno social que suscitou, ao longo do tempo e nos diferentes grupos sociais, diversas explicações, representações e práticas ritualísticas que visavam negá-la enquanto fim da existência. A partir do século XX, as transformações na sociedade ocidental tornaram a morte um tabu, um tema a ser evitado, circunscrito a certos contextos. Em 2020, a pandemia da COVID-19 inverteu esse cenário e colocou a morte no centro dos acontecimentos. Esse artigo se volta para o período pandêmico com o intuito de analisar as modificações em torno da morte, especialmente no que tange aos rituais e ao luto, devido às restrições sanitárias. Interessa entender como os ambientes virtuais se tornaram uma alternativa para a expressão do luto e aceitação da perda, bem como para a preservação da memória dos mortos. Para isso, foram selecionados e observados dois espaços virtuais: um grupo de luto da rede social Facebook e um memorial online dedicado às vítimas do novo coronavírus. Os resultados

---

<sup>1</sup> Recebido em 30 de setembro de 2024; aprovado em 04 de novembro de 2024.

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do curso de Ciências Sociais, do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PGSOCIO) da UFPR. E-mail: marisetejh@gmail.com. Orcid: 00000002-5220-3614

<sup>3</sup> Graduada em Ciências Sociais e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PGSOCIO) na Universidade Federal do Paraná. Bolsista do CNPQ. Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica na UFPR. E-mail: joanazuqui@gmail.com. Orcid: 0009-0005-0840-7117

<sup>4</sup> Graduada em Ciências Sociais na Universidade Federal do Paraná. Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica na UFPR. E-mail: nataliaf.amr@gmail.com. Orcid: 0009-0006-7633-5407

<sup>5</sup> Graduada em Ciências Sociais na Universidade Federal do Paraná. Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica na UFPR. E-mail: nayaraprado09@gmail.com. Orcid: 0009-0003-3423-0058

indicam que esses espaços se fortaleceram com as restrições ou ausências dos rituais funerários, atuaram como uma importante rede de apoio entre os enlutados e possibilitaram homenagens e manifestações dos sentimentos de dor e pesar.

**Keywords:** *Death; Grief; Funeral Rites; Pandemic; Internet.* **Abstract:** *Death is a social phenomenon that has raised, over time and in different social groups, various explanations, representations and ritualistic practices aimed at denying it as the end of existence. Since the 20th century, transformations in Western society have made death a taboo, a topic to be avoided, confined to certain contexts. In 2020, the COVID-19 pandemic reversed this scenario and put death at the center of events. This article focuses on the pandemic period in order to analyze the changes surrounding death, especially with regard to rituals and mourning, due to health restrictions. It is interested in understanding how virtual environments have become an alternative for expressing grief and accepting loss, as well as for preserving the memory of the dead. To this end, two virtual spaces were selected and observed: a mourning group on the social network Facebook and an online memorial dedicated to the victims of new coronavirus. The results indicate that these spaces were strengthened by the restrictions or absence of funeral rituals, acted as an important support network among the bereaved and enabled tributes and expressions of feelings of pain and grief.*

## Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou Emergência de Saúde Pública de Preocupação Internacional em relação à COVID-19, em janeiro de 2020, devido à rápida disseminação do vírus e à apreensão com sua propagação global. O agravamento da situação levou ao decreto de pandemia, em março de 2020, impondo uma série de mudanças que afetaram o modo de vida da maioria das pessoas em todo o mundo (WHO, 2020). Espaços públicos foram cerceados e atividades diversas (trabalho, estudo, lazer), consideradas não essenciais, foram interrompidas ou deslocadas para dentro das casas, para evitar aglomerações e reduzir a propagação do vírus, promovendo um aumento notável das interações virtuais.

Agendas de pesquisa foram sendo gradativamente redefinidas, visando tanto entender as questões epidemiológicas e avançar na prevenção e combate da doença, quanto refletir sobre aspectos socioeconômicos e culturais que a pandemia suscitou. Agendas governamentais estabeleceram o tema como prioritário, estabelecendo medidas de combate e enfrentamento da maior crise de saúde do século XXI. Crise agravada pela infodemia – divulgação excessiva de informações nem sempre

precisas sobre a COVID-19 (OPAS, 2020) –, que gerou desinformação e prejudicou o combate à pandemia, e pelo acirramento das desigualdades – globalmente entre os países e localmente entre os grupos sociais –, perceptível em condições de vida e moradia díspares e acesso diferenciado aos recursos terapêuticos.

Nesse cenário, o universo da morte também foi afetado significativamente, redefinindo formas de interação e organização social. Os dados crescentes de contaminação e óbitos pelo novo coronavírus trouxeram a morte para o centro das atenções, transformando-a em um fenômeno próximo e visível. O medo da morte era cotidianamente reforçado por imagens de hospitais e sistemas funerários sobrecarregados. As restrições sanitárias<sup>6</sup> alteraram ou limitaram os rituais fúnebres, principalmente o velório e o enterro/cremação, dificultando o fortalecimento de laços de solidariedade para com a família enlutada, que comumente vivenciou sua tristeza de forma isolada. Não obstante, outras possibilidades de manifestar os sentimentos de dor e pesar promovidas pela morte de um ente querido, de homenagear os mortos e de confortar os vivos, foram potencializadas em tempos pandêmicos, especialmente nos meios virtuais.

O intuito desse artigo consiste em pensar sobre as mudanças em torno da morte, dos ritos funerários e do luto durante a pandemia, visando entender como os ambientes virtuais se tornaram uma alternativa para a expressão do luto e aceitação da perda, bem como para a preservação da memória dos mortos. As reflexões foram viabilizadas por revisão de literatura e pela observação realizada no Memorial Inumeráveis, dedicado às vítimas do coronavírus, e em um grupo de luto da rede social Facebook.

É importante sublinhar que os espaços virtuais estudados foram selecionados após uma exploração na internet. O Memorial Inumeráveis foi escolhido por ter sido o primeiro memorial online criado no Brasil, em abril de 2020, para homenagear os mortos pela COVID-19 e teve bastante repercussão por buscar contar as histórias por trás dos números, ou melhor, mostrar que cada um dos mortos não era um número. Os dados foram coletados e organizados em uma planilha com o nome e idade da vítima e a epígrafe do “túmulo” virtual<sup>7</sup>. Em muitos casos, foram lidos os textos dedicados aos mortos, geralmente escritos por familiares ou amigos próximos.

Já o grupo de luto foi selecionado após uma busca exploratória na rede Facebook com as palavras-chave luto e COVID-19. A data de criação, o número de

---

<sup>6</sup> As medidas de enfrentamento à COVID-19 foram revogadas pelo governo brasileiro em maio de 2022, com o anúncio do fim do estado de Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional – ESPIN (SENADO, 2022).

<sup>7</sup> A coleta de dados foi realizada em 09/03/2023. Outras homenagens foram incluídas após essa data, posto que o site é constantemente atualizado.

membros e de visualizações foram utilizados como critérios, sendo excluídos os grupos criados antes de 2020 e com menos de cinco mil membros por não apresentarem interações o suficiente para o propósito da pesquisa. Após uma observação inicial de todos os grupos que cumpriram esses critérios, foi selecionado apenas um, criado em junho de 2021, com aproximadamente 345 mil membros no primeiro semestre de 2023. A ideia inicial era observar e analisar as postagens feitas nos períodos com maior número de mortes. No entanto, devido à ferramenta de pesquisa do Facebook impossibilitar esse tipo de busca, optou-se por utilizar as palavras-chaves perda e luto (Koury, 2003; 2014), além de pandemia, nos anos de 2021 e 2022.

O artigo está dividido em duas partes, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira, apresenta-se uma breve reflexão sobre a morte, os rituais funerários e o luto, na perspectiva das ciências sociais. Na segunda, analisam-se os espaços virtuais mencionados, procurando averiguar como se constituíram em ambientes para lembrar e manifestar sentimentos de luto e saudades por aqueles que morreram durante a pandemia de COVID-19.

### **A morte e o luto**

A morte se tornou um tabu na modernidade, um tema a ser evitado. Elias (2001) explana sobre como a morte foi jogada para “os bastidores da vida social” em decorrência dos novos padrões de comportamento moldados pelo processo civilizador, que impõe um aumento da individualização e do autocontrole. Se no passado a morte era pública e integrada à vida social, a partir do século XX o moribundo foi sendo gradativamente afastado do convívio familiar e social e o processo de morrer se tornou mais solitário. A morte foi institucionalizada, especialmente com o desenvolvimento dos hospitais e casas de repouso. Aos poucos, a morte se tornou um incômodo social que gera desconforto e constrangimento; praticamente não se fala sobre ela e procura-se evitar o contato com os moribundos. A ação de estar perto de alguém prestes a morrer assume um caráter de aversão, pois a morte configura-se na decadência do organismo humano e do mau cheiro, realidade essa que é maquiada pela higienização dos hospitais na contemporaneidade. Para Elias (2001, p.61), “nunca antes as pessoas morreram tão silenciosa e higienicamente como hoje nessas sociedades, e nunca em condições tão propícias à solidão”.

Ariès (1989) destaca que o avanço técnico-científico na área médica transferiu o leito de morte das casas para os hospitais, o que contribuiu para tornar a morte um tema interdito, praticamente excluído da vida social. Progressivamente a morte foi

sendo transformada em um evento privado, controlado por médicos que procuram prolongar a vida e evitar seu término ao máximo. Para o historiador, a interdição da morte reflete uma cultura que tenta negar sua própria finitude, tratando a morte como algo a ser escondido e combatido, e não como inerente à vida. O que obviamente resulta no constrangimento e na contenção de emoções.

Antes desse período, prossegue Ariès (1989), a sociedade ocidental, considerada genericamente, presenciou outras atitudes em relação à morte e ao morrer que se diferenciam fundamentalmente da morte interdita. A morte ideal na Idade Média era domada e vista como parte natural da vida. Era uma morte anunciada, no sentido que o indivíduo estava consciente de sua proximidade e tinha o tempo necessário para se preparar espiritualmente, rogando pela absolvição de seus pecados. Em seu leito de morte, se despedia dos entes queridos, expressando suas últimas vontades e recomendações. Essa atitude refletia uma aceitação da morte como uma transição, fortemente influenciada pela visão do catolicismo de vida após a morte.

Mudanças sutis vão ocorrendo no universo simbólico da morte, a partir do século XII. Ariès (1989) classifica como a morte de si mesmo as novas atitudes que indicam a preocupação do indivíduo com sua própria finitude. A ideia de boa morte no leito, anunciada e preparada, se manteve, mas com mais preocupação do moribundo com sua identidade e legado. Mais introspectivo, refletia sobre sua vida e sobre a preparação para o pós-morte. Alguns fenômenos permitem identificar como essas transformações foram ocorrendo gradualmente: a imagem do julgamento final, no qual “cada homem é julgado pelo *balanço de sua vida*, as boas e as más ações são escrupulosamente separadas nos dois pratos da balança” (Ariès, 1989, p.33), resultando na salvação ou condenação eterna; nos séculos XV e XVI, o critério do Juízo passou a ser o arrependimento (ou a ausência dele) das ações lembradas no leito de morte; a presença da morte nas artes e na literatura, que passaram a retratar o morto e abordar a finitude; as práticas memoriais, como o uso de testamentos que indicavam os serviços religiosos pós morte visando a salvação, epígrafes e placas funerárias, além do surgimento de sepulturas individuais, como forma de preservar a memória e a identidade dos mortos.

Quando a morte do outro passou a ser reconhecida e temida, o universo simbólico da morte sofreu novas modificações, muito embora a morte aguardada no leito continue sendo considerada a ideal. O período que segue a partir de meados do século XVIII é marcado por uma morte dramática, onde o falecimento do outro, do ser amado, transforma-se em um processo doloroso que aflige, agoniza e indigna os vivos. Os sentimentos de luto são manifestados publicamente de forma bastante intensa. Há grandes dramatizações em torno da morte e da possibilidade do outro

morrer; constitui-se como época marcada por grandes espetáculos abordando essas noções do sofrimento. Os túmulos desempenham uma função de cultuação de lembranças e memórias deixadas pelo morto (Ariès, 1989).

A morte interdita do século XX, como já mencionado, promoveu transformações profundas em torno do morrer. O hospital passa a desempenhar a dupla funcionalidade de se constituir em um espaço de cura, mas também de morte. O moribundo geralmente é privado da sua morte, no sentido de morrer sem ter consciência de sua proximidade e a possibilidade de preparar-se ou mesmo compartilhar suas intenções finais. Esse processo marca o início do isolamento da morte e dos moribundos, criando uma divisão entre os lugares considerados adequados ou inadequados para adoecer e morrer. As doenças, antes vistas como sinais de proximidade da morte que permitiam aos indivíduos se prepararem para ela, agora passam a ser combatidas e tratadas como ameaças que devem ser evitadas a todo custo. A vida deve ser prolongada ao máximo (Ariès, 1989).

O ambiente doméstico, a presença de entes queridos e amigos, o afeto e o cuidado daqueles que são próximos são frequentemente negados ao moribundo. Este deve estar solitariamente enclausurado em um ambiente higienizado e controlado como o hospital, em nome de tratamentos promovidos pelo avanço técnico e científico que têm frequentemente o poder de estender a duração da vida. Assim, “talvez não seja supérfluo dizer que o cuidado com as pessoas às vezes fica muito defasado em relação ao cuidado com seus órgãos” (Elias, 2001, p.53). A partir desse momento, o processo de morrer deixou de ocorrer em casa e passou a ser realizado preferencialmente no hospital, sendo corriqueira a opção de não informar o estado de saúde do agonizante para evitar seu sofrimento, mesmo que ele esteja à beira da morte<sup>8</sup>. Aqueles que estão vivos e saudáveis, geralmente têm dificuldade em identificar-se com os moribundos, principalmente quando estes são pessoas idosas.

Hoffmann-Horochovski (2013) procura entender as mudanças em torno do universo simbólico e social da morte a partir de memórias de velhos que presenciaram parte dessas transformações. Ressalta que com a interdição e o escamoteamento da morte, a morte natural na velhice, e se possível sem sofrimento, tornou-se ideal: “o velho, por um lado, traz a lembrança constante da morte e, por outro, mostra a supremacia da vida nos outros períodos de sua existência; cumpriu o

---

<sup>8</sup> Esse modelo, contudo, não é o único. O modelo dos cuidados paliativos, por exemplo, busca promover uma “boa morte”: uma morte preferencialmente sem dor e sem sofrimento, tendo o paciente como protagonista e cuidando dele em sua totalidade (o que inclui suporte espiritual e emocional), respeitando suas vontades, permitindo que ele esteja acompanhado de seus familiares em todos os momentos e possibilitando que ele possa se despedir, assim como ocorria na morte anunciada ou domesticada (Menezes, 2004).

ciclo natural – nascimento, desenvolvimento, velhice e, por fim, morte” (Hoffmann-Horochovski, 2013, p.80). Por meio das memórias de seus narradores, analisa as modificações em torno dos rituais fúnebres e da manifestação pública do luto. Isso só foi possível porque as mudanças em torno das práticas ritualísticas foram sendo sutis, pois, segundo Ariès (1989, p. 56), a morte interdita não alterou de pronto os rituais, mas diminuiu sua dramaticidade, dando início ao “processo de escamoteamento”.

Thomas (1975) explana, nesse contexto, sobre a dessocialização e a dessacralização da morte na modernidade. A morte, que antes era um evento comunitário, compartilhado e acompanhado por rituais públicos de luto, é cada vez mais relegada ao espaço privado e institucional, como hospitais e centros especializados ou de repouso, longe do ambiente familiar e comunitário. Com o avanço da ciência e a secularização, a morte foi progressivamente separada da vida social, transformando-se em um fenômeno sanitário e muitas vezes medicalizado. Essa mudança tem implicações significativas na maneira como os indivíduos e a sociedade lidam com o fim da vida, reduzindo a morte a um tabu, a um evento técnico a ser gerido, em vez de uma passagem que demanda rituais de integração e reflexão coletiva.

Mas qual a importância dos rituais em geral e dos ritos fúnebres em especial? Van Gennep (1978) define os rituais como práticas simbólicas que marcam as transições entre diferentes etapas da vida de uma pessoa ou de uma comunidade, como por exemplo batismo, casamento e funeral, entre outros. Os ritos de passagem possuem três fases – separação, margem e agregação – que indicam, respectivamente, o rompimento do indivíduo de sua condição social anterior, a suspensão e a aceitação da nova condição. Essas fases assumem contornos diferentes de acordo com a passagem, bem como com a história, a cultura e a religião de cada grupo social. Assim, o processo ritual de transição entre diferentes posições, estados ou status de um indivíduo ou grupo pode variar em duração, passando por diversos estágios rituais, com transições entre eles de acordo com a ordem estabelecida (Souza; Souza, 2019). A função simbólica dos rituais é propiciar segurança tanto para o indivíduo quanto para a coletividade.

Destarte, a passagem do mundo dos vivos para o mundo dos mortos é facilitada pelos rituais funerários que, conjuntamente, trazem proteção para os vivos e conforto para os enlutados. Com a notícia da morte iniciam-se os rituais, com a lavagem e a preparação do corpo. Outrora essa função era realizada por familiares e amigos próximos, mas com a interdição da morte passou para as mãos de especialistas, de agentes funerários. Os rituais prosseguem com o velório, ou conforme os velhos narradores entrevistados por Hoffmann-Horochovski (2013), o “guardamento do corpo” que durante muito tempo foi realizado nas casas do morto e que, hodiernamente, passou para capelas mortuárias. É o momento da despedida, de realizar orações para que a passagem seja tranquila e/ou de fazer homenagens que

exaltem a memória do morto. Sua origem, de acordo com Kovács et al (2014, p. 943), remete à confirmação da morte, pois “no passado, pela condição científica da época, era difícil reconhecer a morte e podia acontecer de pessoas despertarem estando já enterradas, confirmando um dos maiores medos da humanidade, que o é de ser enterrado vivo”. Após o velório, o corpo segue em cortejo para o sepultamento ou é cremado. Outros rituais podem ser realizados após o sepultamento/cremação, mas dependem da cultura e da religiosidade do grupo. No catolicismo, por exemplo, há missas de sétimo dia e um ano de morte, que tem a função de atuar sobre a salvação da alma agregando o morto no outro plano, bem como de confortar a família enlutada e fortalecer os laços sociais (Hoffmann-Horochovski, 2013).

Gradativamente os rituais foram sendo modificados, mas sem perder sua função simbólica. Thomas (1985) argumenta que a simplificação, a aceleração e a consequente contenção de emoções são ditadas pela vida moderna e refletem o processo de escamoteamento da morte e do morrer. A aceleração dos rituais implica a redução de seu tempo de duração e a pressão para que a vida “normal” seja retomada rapidamente. Já a simplificação indica que os rituais passam a ser realizados com menos símbolos e menor presença de objetos, gestos e cerimônias elaboradas, o que empobrece sua capacidade de expressar o significado e o valor cultural da morte. Por fim, as emoções são cada vez mais contidas, refletindo a tendência moderna de reprimir a expressão pública do luto, substituindo o envolvimento profundo e comunitário por uma postura mais racional e controlada, o que limita a função integradora dos rituais na vivência do luto e na aceitação da morte.

Com efeito, Elias (2001) afirma que os novos padrões de comportamento do processo civilizador acometem não só a realização dos rituais, como também incentivam o autocontrole na manifestação de sentimentos, que se tornam cada vez mais comedidos. A expressão do luto, quando ocorre, fica restrita ao círculo íntimo. O que difere da manifestação pública dos sentimentos de dor e pesar que predominou até aproximadamente meados do século XX, quando havia regras sobre o luto. O uso do preto na vestimenta, o fumo (tarja preta usada sobre as camisas), a postura discreta em público e a ausência em eventos sociais representavam a etapa de margem para a família enlutada que só seria integrada ao seu novo papel, ao término do período estipulado socialmente, geralmente entre seis meses e um ano (Hoffmann-Horochovski, 2013). Com a reelaboração do universo simbólico e a dessocialização da morte, o luto foi perdendo sua expressão social.

Koury (2003, 2014, 2020) se dedica a pensar sobre o autocontrole e a individualização no Brasil urbano “sob a ótica do luto”, dentro de uma perspectiva da sociologia das emoções. Com base em dados obtidos por meio de questionários respondidos por 1.304 pessoas de diferentes localidades, busca analisar como os

brasileiros urbanos percebem o comportamento que se espera de uma pessoa em luto, além de explorar os significados atribuídos às noções de luto, perda e sofrimento. A discricção foi apontada como o comportamento ideal para os enlutados por 77,6% dos respondentes. Paralelamente, 72% dos pesquisados indicaram que o comportamento ideal em relação a uma pessoa que sofreu uma perda é evitar incomodá-la, importuná-la. Isso remete, para Koury (2020), à dificuldade em saber como lidar com a perda, contribuindo com a sensação de isolamento e desamparo. O autor observou um duplo constrangimento, tanto na perda pessoal, pois é preciso evitar a demonstração de emoções mantendo uma postura comedida, quanto na perda de terceiros, cujas condolências devem ser prestadas de forma contida sem se mostrar “invasivo” com o enlutado. A discricção e a contenção de emoções não diminuíram, porém, a importância dos rituais no enfrentamento da perda promovida pela morte.

No contexto da pandemia da COVID-19, o sentimento de luto não se restringiu apenas à mortalidade humana; também englobou a perda de empregos, oportunidades e a liberdade de frequentar certos espaços. Freud (2010, p.132) afirma que “o luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc.”. Nesse sentido, a dor e o pesar, a devastação promovida pela perda, se fez presente no cotidiano de boa parte da população que foi privada de elementos fundamentais de sua vida, como a liberdade de ir e vir, a capacidade de demonstrar pessoalmente afeto aos entes queridos e a participação em práticas ou rituais de caráter coletivo.

No que se refere ao luto relacionado à morte, todavia, um dos aspectos que deve ser analisado no período pandêmico está relacionado diretamente com a privação ou aceleração sem precedentes dos ritos fúnebres, posto que eles colaboram para que haja um entendimento do enlutado de que seu ente querido não está mais vivo. A interdição dos rituais fúnebres em geral, e em especial quando a morte foi ocasionada pelo coronavírus, promove uma sensação de irrealidade para os familiares e amigos, que se torna ainda mais intensa na impossibilidade de ver e tocar o corpo (Dantas et al, 2020).

Outro aspecto significativo está relacionado à solidão dos moribundos (Elias, 2001), que nunca foi tão forte devido às restrições sanitárias para evitar o alastramento da doença. O perigo do contágio impediu a visita e contato próximo com os enfermos. Não obstante, outras possibilidades de diminuir a solidão foram sendo criadas, como as visitas virtuais que têm como objetivo propiciar apoio e acolhimento ao paciente internado e, ao mesmo tempo, um pouco de conforto para seus entes queridos. “Existem diversas formas de conectar pacientes e familiares por aplicativos.

Não há nenhuma razão para deixar pessoas completamente isoladas de contato” (Crispim et al, 2020, p.10). No entanto, essas interações virtuais contavam com a disponibilidade dos profissionais da área de saúde que, usualmente, estavam sobrecarregados com as altas demandas provenientes da crise sanitária, o que dificultava a intermediação.

Por fim, é importante dizer que a morte que se faz anunciar provocada por COVID-19 em nada lembra a imagem da morte domada discutida por Ariès (1989), considerada durante séculos sinônimo da morte ideal porque permitia a preparação e a despedida. Tampouco lembra a morte interdita, pouco comentada e nomeada da contemporaneidade. A morte na pandemia está no centro dos acontecimentos, presente como fato e como notícia, e, em plenos anos vinte do século XXI, redefine formas de interação e organização social.

### **Saudades eternas**

Em janeiro de 2020, a OMS declarou emergência de saúde pública em decorrência da descoberta da doença SARs-CoV-2, que ficou conhecida como COVID-19. Em março, a OMS mudou a classificação para pandemia, pela sua acelerada distribuição geográfica e o rápido crescimento global do número de contaminações e óbitos (WHO, 2020). Em pouco tempo, a morte foi retirada dos “bastidores da vida social” (Elias, 2001) e se tornou um assunto cada vez mais comentado, veiculado cotidianamente pelos meios de comunicação que atualizavam os dados do chamado novo coronavírus e mostravam imagens da sobrecarga dos hospitais e serviços funerários. O medo da morte assumiu novos contornos, da contaminação à falta de oxigênio e leito hospitalar, da morte solitária ao enterro praticamente sem rituais fúnebres. Os dados de contágio e de óbitos causados pela doença alimentavam esse medo, seja da própria morte e/ou da perda dos entes queridos: em 2020 foram 7.675.973 casos acumulados e 194.949 óbitos; em 2021, 22.287.521 casos e 619.056 óbitos acumulados; em 2022, 36.331.281 casos e 693.853 óbitos acumulados (Brasil, 2024)<sup>9</sup>.

A pandemia impôs muitas perdas e afetou a forma de morrer, viver, trabalhar e se divertir. Tal como Freud (2010) já havia destacado no seu texto clássico sobre Luto e Melancolia, o luto não se refere apenas à perda do ser amado. Giamattey et al. (2022, p.2) afirmam que “vivenciamos tanto as perdas de vidas humanas quanto as perdas de empregos, de interações sociais presenciais e rotinas. Ou seja, estamos

---

<sup>9</sup> Em 31/10/2024, os dados atualizados correspondiam a 38.984.103 casos e 713.966 óbitos acumulados (Brasil, 2024).

vivendo diferentes formas de contato com os significados da morte e do luto em larga escala social”. Perdemos, inclusive, a possibilidade de nos despedirmos adequadamente dos nossos entes queridos. Despedida que sempre possibilitou o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários e o compartilhamento de memórias, contribuindo para uma “qualidade de morte para os doentes e de qualidade de vida para os familiares” (Crepaldi et al. 2020, p. 4).

A despedida em vida foi para poucos e, frequentemente, em formato remoto. Profissionais da saúde seguravam tablets ou celulares em frente ao leito de morte no hospital. Como os moribundos geralmente estavam inconscientes, desprovidos da capacidade de interação, a despedida era para os vivos se preparem e se fortalecerem para enfrentar o sentimento de dor e pesar provocado pela morte e agravado pela ausência/insuficiência dos rituais fúnebres, importantíssimos para a elaboração do luto.

Os rituais funerários foram duramente afetados pela pandemia. A simplificação e a aceleração das práticas, aludidas por Thomas (1985), foram redimensionadas. Em 2020, as recomendações para evitar a disseminação da SarsCov2 durante o funeral estabeleciam a duração de duas horas para a do velório. Além disso, era recomendado que os presentes ficassem na capela mortuária o menor tempo possível, usassem máscaras e evitassem o contato físico. Crianças, pessoas idosas, grávidas e imunossuprimidas não deveriam participar dos funerais por comporem grupos vulneráveis. As refeições nos locais eram proibidas (SES, 2020). Ademais, em muitos casos, o caixão deveria ser mantido lacrado, sem possibilidade da família e parentes verem o morto uma última vez.

A imagem da morte solitária assume contornos dramáticos em caixões fechados e velórios relâmpagos. Como elaborar o luto neste contexto? Como manifestar os sentimentos de pesar pela morte do ser amado, fazer suas despedidas e homenagens, se sentir confortado e acolhido pelos outros que se solidarizam com sua dor? Como processar a perda?

Nesse contexto, os espaços virtuais se tornaram uma alternativa importante para a expressão dos sentimentos e preservação da memória dos mortos<sup>10</sup>. Como já mencionado em linhas introdutórias, foram selecionados dois espaços nessa pesquisa: o primeiro é o memorial online Inumeráveis, dedicado “à história de cada

---

<sup>10</sup> O tema da morte na era digital tem sido objeto de inúmeras investigações, sobre diferentes prismas. O projeto Dados Além da Vida – DAVI, por exemplo, tem se dedicado a pensar sobre a temática em geral, e em especial sobre o legado digital pós-morte. Criado em 2016 e vinculado a Universidade Federal do Mato Grosso, conta com a colaboração de numerosos pesquisadores de diversas instituições de ensino e diferentes níveis acadêmicos (estudantes da graduação, mestrado e doutorado), apresenta uma produção considerável sobre o tema (<https://lavi.ic.ufmt.br/davi/>).

uma das vítimas do coronavírus no Brasil”, pois “não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa” (inumeraveis.com.br); o segundo é uma comunidade de luto na rede social Facebook, com aproximadamente 345 mil membros durante a realização da coleta de dados.

O projeto Inumeráveis, criado pelo artista Edson Pavoni em parceria com jornalistas colaboradores, tem como princípio contar as histórias dos sujeitos que perderam suas vidas na pandemia, oportunizando aos familiares e amigos um momento de despedida e de homenagem aos seus mortos. Quando os dados foram coletados, três anos após o decreto da pandemia, foram localizadas 9.009 homenagens nos inumeráveis, sendo que 63,6% dos homenageados são pessoas com 60 anos ou mais e 36,3% são das outras faixas etárias reunidas, considerando crianças, adolescentes, jovens e adultos (Gráfico 1). Destes, somente 0,1% não possui informação de idade. O intervalo de idades que mais aparece no memorial está entre 60 e 69 anos, enquanto os que menos aparecem compreendem a faixa entre 10 e 19 anos, representando um pequeno retrato dos dados de morbidade por COVID-19 no Brasil. Ao todo, no memorial digital, 5.730 das histórias retratadas são de pessoas idosas que morreram com sessenta anos ou mais e 3.273 são de pessoas que morreram antes de envelhecerem.

### GRÁFICO 1: IDADE DOS MORTOS – MEMORIAL INUMERÁVEIS

Figura 1. Faixa etária dos mortos do site “Inumeráveis”



Fonte: Elaboração própria. 2023

Figura 2. Agrupamento de idosos e não idosos do site “Inumeráveis”



Fonte: Elaboração própria. 2023

As homenagens no site são organizadas em ordem alfabética com as seguintes informações: nome completo, idade, data de nascimento e morte da vítima, além do dia da postagem do texto e créditos aos jornalistas que editaram e revisaram as histórias. Todos os homenageados possuem uma epígrafe, conforme exemplificado

no quadro 1, que resume suas características mais evidentes aos amigos e familiares, seguido de um texto que narra suas trajetórias de vida, seus adjetivos e a importância que possuem em determinado grupo social e, em muitos casos, suas contribuições para a sociedade.

QUADRO 1: EXEMPLOS DE EPÍGRAFES VIRTUAIS – MEMORIAL INUMERÁVEIS

Nome (iniciais)	Idade	Epígrafe
AVL	66	“Determinado e corajoso. Amante da natureza”.
AAF	03	“Possuía o dom de falar com os olhos, como só as almas puras e grandiosas são capazes de fazer”.
APS	40	“Enfermeiro apaixonado pela profissão e pelo Flamengo, amava também o feijão bem temperadinho de sua mãe”.
ZSAC	83	“Muito falante, adorava uma boa conversa. Uma avó carinhosa pra ser lembrada como poesia e lição”.

Fonte: Memorial inumeráveis (2023).

Ao clicar em cada nome com a epígrafe, é possível acessar as homenagens escritas por alguém próximo: uma espécie de obituário que registra a história e honra a memória daquele que já não está no mundo dos vivos. Esse registro digital remete à afirmação de Elias (2001, p.23) de que os mortos vivem nas memórias dos vivos: “O que está escrito na pedra é uma mensagem muda dos mortos para quem quer que esteja vivo — um símbolo de um sentimento talvez ainda não articulado de que a única maneira pela qual uma pessoa morta vive é na memória dos vivos”.

Uma das homenagens é bastante emblemática, pois remete justamente à importância dos rituais fúnebres. AKI, de 72 anos, comandava os rituais de luto de tradição japonesa, promovendo uma passagem tranquila para o morto e, ao mesmo tempo, propiciando segurança e fortalecimento dos laços sociais para os vivos. Na hora de sua morte, entretanto, não pode receber os ritos que sempre lhe foram tão importantes. O texto é comovente.

A. era a comandante oficial dos 7 rituais tradicionais do luto japonês, que consiste em celebrar 7 missas em casa, com incensos por toda parte, além de oferecer 7 tipos de salgado e 7 tipos de doces para fazer, da passagem do falecido, uma transição mais tranquila. Hoje, A. não pôde ganhar seus próprios rituais. A pandemia pede uma passagem sem grandes despedidas, com velório reduzido e breves adeus. Mas no coração de todos que a conheceram, a despedida é a certeza de um até logo especial e eterno, como ela foi (Memorial Inumeráveis, 2023).

O sentimento de dor e tristeza promovido pela perda teve um ingrediente adicional, na medida em que a despedida não contou com as práticas ritualísticas tradicionais, repletas de significado para a falecida, sua família e comunidade.

Outro texto tocante está no “túmulo” virtual do letrista e compositor Aldir Blanc, de autoria do amigo e compositor João Bosco.

Peço desculpas aos que têm me procurado hoje. Não tenho condições de falar. Aldir foi mais do que um amigo pra mim. Ele se confunde com a minha própria vida (...) Ele com aquele humor divino. Sempre apaixonado pelos netos. Ele médico, eu hipocondríaco. Fomos amigos novos e antigos. Mas sobretudo eternos. Não existe João sem Aldir. Felizmente nossas canções estão aí para nos sobreviver. E como sempre ele falará em mim, estará vivo em mim, a cada vez que eu cantá-las (...). Uma pessoa só morre quando morre a testemunha. E eu estou aqui pra fazer o espírito do Aldir viver. Eu e todos os brasileiros e brasileiras tocados por seu gênio (Memorial Inumeráveis, 2023).

A dor da perda é evidente nesses e em outros tantos relatos de pessoas que expressaram seus sentimentos no memorial em tela. “A dor, como o amor, remete a uma experiência radicalmente subjetiva. Aquele que sente a dor, dela diz, *eu é que sei*. Frente à dor do outro, há comoção, sofrimento (ou, mesmo gozo), com maior ou menor distância e intensidade” (Sarti, 2001, p.4). A dor é experienciada pelo indivíduo, é fato, mas é construída socialmente. A forma como uma pessoa sente, expressa e lida com a dor é influenciada pelo contexto sócio-histórico e cultural em que está inserida<sup>11</sup>. Durante a pandemia, a dor e a tristeza relacionada à morte por COVID-19 são vivenciadas de maneira particular, muitas vezes sem a possibilidade de despedida, ritual fúnebre, ou mesmo a presença física de familiares. Isso gera uma experiência de luto complexa e, em muitos casos, prolongada e intensificada pela ausência de suporte coletivo e pela instabilidade emocional e social. Expressar os sentimentos, nesse cenário, ajuda a lidar com o luto.

As homenagens virtuais, de pessoas públicas e anônimas, imortalizam a memória do morto, seja criança, jovem ou velho. Enaltecem a memória dos que morreram trabalhando, a exemplo dos profissionais da saúde, ou dos que se foram por contaminação intra-hospitalar; dos que morreram contaminados em função da falta de vacinas, de oxigênio, de condições sanitárias adequadas, de negacionismo. Tantas mortes no período pandêmico, muitas das quais poderiam ter sido evitadas. As epígrafes e os obituários virtuais como uma forma alternativa de sentir e expressar

---

<sup>11</sup> A dor como experiência subjetiva fortemente influenciada pelo simbólico e pelo social é discutida por Le Breton (2013). Em *Antropologia da Dor*, defende que ela é uma construção sociocultural, cujas interpretações variam conforme o contexto social e as crenças de cada sociedade.

o luto, como uma maneira de resguardar a memória dos inúmeros indivíduos que foram vitimados pelo vírus da COVID-19.

A comunidade de luto do Facebook opera de maneira semelhante, embora propicie uma interação entre os seus membros. Os textos de despedida apresentavam um breve relato sobre a importância do morto para o universo pessoal do enlutado, além de vir acompanhada com uma fotografia da pessoa que faleceu.

A minha filha foi recolhida por Deus em 29.06.21. Há pouco mais de quatro meses não sei o que é alegria. As pessoas dizem; O TEMPO É O MELHOR REMÉDIO ou COM O PASSAR DO TEMPO A DOR VAI VIRAR SAUDADE. E ao ver inúmeras publicações de mães que perderam seus filhos há um, dois, dez, vinte ou mais anos, dizendo que a dor não passa, eu me desespero. Como a gente pode prosseguir com essa dor ardendo no peito? Como sobreviver a esse vazio? Estou sofrendo muito. Saudade e dor só minhas companheiras. Te amo minha filha [nome da falecida]. sem palavras pra definir esta dor (Facebook, 2023).

É possível identificar o sentido da perda nessa postagem com a perda de si, a qual “parece possuir o significado amplo de perda de referenciais que permitiam aos sujeitos se localizarem em uma situação social determinada, tornando-os retraídos e inseguros até dos seus próprios papéis no mundo” (Koury, 2014, p. 603). Mas o compartilhamento da dor promovida pela perda do ser amado nos ambientes virtuais parece não ser acompanhado pela já aludida contenção de emoções presentes na sociedade. Como foi observado nessa rede social, as pessoas não se sentem constrangidas de expressar todas as emoções em relação a perda.

Apesar de essa comunidade de luto ter sido criada durante a pandemia, não se restringe a ela. As mortes por COVID-19 se entrelaçam, nas publicações, com outras causas e outros períodos.

Meu coração está em luto desde 2011. Que pra mim foi uma nuvem negra que caiu sobre minha vida.

DESCANSE EM PAZ AMIGO! VIRÚS MALDITO # A PANDEMIA NÃO ACABOU (Facebook, 2023).

Nos registros digitalizados, a economia de expressão de afetos não costuma ocorrer, posto que não parece haver constrangimento ou pudor em relação à morte. O enlutado expressa seu sentimento de dor e recebe as condolências do outro, membro da comunidade online, se sentindo muitas vezes acolhido e confortado.

A dor da perda foi amplamente abordada por Koury (2003; 2014), que investiga o luto, os processos simbólicos em torno da morte e o significado social do







Nas publicações de 2022, as palavras mais mencionadas foram luto, dor e saudade. As mesmas três palavras do ano anterior, mas com uma pequena alteração na ordem de menções de luto e dor. A palavra vida é a quarta mais citada, com 110 menções.

A morte isola e desola aqueles que a presenciam. Em um período tão solitário e trágico como foi a pandemia, percebe-se que as incertezas e aflições que envolvem a finitude aprofundaram-se ainda mais pela ausência que o conforto de um abraço, de um contato próximo, de um momento de despedida, de reza ou qualquer outra manifestação coletiva pode proporcionar. O escamoteamento da morte na vida “face a face” do indivíduo o levou às formas de socialização online. E com a pandemia essa forma de vínculo aumentou significativamente.

Por fim, como bem disse Sarti (2001, p.11): “do pouco que se pode saber sobre a dor, sabemos que nela se revela, simultaneamente, a singularidade do sujeito, sua dor, a particularidade da cultura, na qual se manifesta, e a universalidade da condição humana, impossibilitada de fugir de sua realidade implacável”.

### **Considerações finais**

O universo simbólico e social da morte passou por mudanças significativas ao longo da história. A morte, que anteriormente era um evento coletivo, compartilhado entre familiares e membros da comunidade, tornou-se progressivamente um fenômeno interdito, preferencialmente restrito aos ambientes assépticos dos hospitais. Esse afastamento da morte da vida cotidiana e a consequente privatização do luto transformaram as formas de lidar com o fim da vida, a velhice e o processo de morrer.

A vida moderna, civilizada e individualizada, reforçou o autocontrole individual e coibiu a exteriorização da dor e tristeza, levando os enlutados a vivenciarem o sofrimento de maneira mais solitária. No contexto da pandemia, esse isolamento foi ainda mais acentuado, já que a morte por COVID-19 trouxe novas dinâmicas à relação com o morrer. A pandemia retirou o tema da morte dos bastidores e o colocou no foco principal, promovendo discussões públicas sobre finitude e vulnerabilidade. As restrições na realização dos rituais fúnebres, motivadas e legitimadas pela crise sanitária, fortaleceram interações e manifestações de luto em espaços virtuais, ressignificando a maneira de lidar com a dor promovida pela perda individual e coletiva.

Nesse sentido, grupos de apoio no Facebook e outras plataformas se tornaram espaços importantes para a expressão pública do luto. Redes virtuais permitiram que enlutados compartilhassem suas dores, encontrando apoio mútuo e uma possibilidade de vivenciar o luto coletivamente, ainda que à distância. Essa interação mediada pela tecnologia amenizou parcialmente o isolamento, permitindo que a dor da perda fosse validada e partilhada em comunidades virtuais que acolhiam essas expressões emocionais, ajudando os enlutados a lidarem com o sofrimento.

Outro aspecto marcante foi o esforço para resgatar e preservar a memória dos que faleceram durante a pandemia. Em um período de mortes constantes, as pessoas afetadas pela COVID-19 foram, em muitos casos, reduzidas a números, ocultando a humanidade por trás das estatísticas. Iniciativas como o Memorial Inumeráveis foram essenciais para honrar a memória dos mortos, oferecendo um espaço para que familiares e amigos registrassem suas homenagens e manifestassem sua dor e pesar. Com efeito, esse novo cenário evidenciou tanto a necessidade de rituais como a capacidade de adaptação das pessoas frente ao isolamento imposto, demonstrando que, apesar das transformações no universo da morte, a busca por sentido e conexão na perda permanece essencial.

## Referências

- ARIÈS, P. *História da morte no ocidente*. Lisboa: Teorema, 1989.
- BRASIL. *Manejo de corpos no contexto da doença causada pelo coronavírus SarsCoV-2 – COVID-19*. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise em Saúde e Doenças Não Transmissíveis. Brasília, 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *COVID-19 no Brasil*. Disponível em: [https://infoms.saude.gov.br/extensions/COVID-19\\_html/COVID-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/COVID-19_html/COVID-19_html.html). Acesso em: 12 set. 2024.
- CREPALDI, M. A.; SCHMIDT, B.; NOAL, D. S.; BOLZE, S. D. A.; GABARRA, L. M. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia* (Campinas), v. 37, e200090, 2020.
- CRISPIM, D.; SILVA, M. J.P.; CEDOTTI, W.; CÂMARA, M.; GOMES, S. A. *Visitas virtuais durante a pandemia de COVID-19: recomendações práticas para comunicação e acolhimento em diferentes cenários da pandemia*. 2020.

- DANTAS, C. R.; AZEVEDO, R. C. S.; VIEIRA, L. C.; CÔRTEZ, M. T. F.; FEDERMANN, A. L. P.; CUCCO, L. M.; RODRIGUES, L. R.; DOMINGUES, J. F. R.; DANTAS, J. E.; PORTELLA, I. P. O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 509-533, set. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>.
- DAVI – *Dados além da vida*. Disponível em: <https://lavi.ic.ufmt.br/davi/>. Acesso em: 02/11/2024
- ELIAS, N. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FREUD, S. *Sigmund Freud obras completas volume 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GIAMATTEY, M. E. P.; FRUTUOSO, J. T.; BELLAGUARDA, M. L. R.; LUNA, I. J.. Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. *Escola Anna Nery (SPE)*, [s.l.], 2022.
- GENNEP, A. V. *Os ritos de passagem*. [1909]. Petrópolis: Vozes, 1978.
- GURGEL, W. B.; KOVACS, M. J.; MOCHEL, E. G.; NAKASU, C. T.; PORTUGAL, P. K. P. Luto virtual: o processo de elaboração do luto no ciberespaço. *Cadernos de Pesquisa*, v. 18, n. 1, 2011.
- HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T. *Memórias de morte e outras memórias: lembranças de velho*. Curitiba: Ed. UFPR, 2013.
- KOVÁCS, M.J.; VAICIUNAS, N.; ALVES, E. G. R. Profissionais do serviço funerário e a questão da morte. *Psicologia ciência e profissão*. 2014, 34(4), 940-954.
- KOURY, M. G. P. Desconforto e ambivalência: a construção da individualidade no Brasil sob a ótica do luto. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 57, p. 43-61, dez. 2020. ISSN 1676-8965.
- KOURY, M. G. P. O luto no Brasil do final do século XX. *Caderno CRH*, Salvador, v. 27, n. 72, p. 593-612, set./dez. 2014.
- KOURY, M. G. P. *Sociologia da emoção - O Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LE BRETON, D. *Antropologia da dor*. São Paulo: Unifesp, 2013.

- MENEZES, R. A. *Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004.
- OPAS. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19. *Folheto informativo*. Organização Pan-Americana da Saúde, 2020.
- SARTI, C. A dor, o indivíduo e a cultura. *Saúde soc.* 10 (1), 2001. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902001000100002>
- SENADO, Agência. Governo federal revoga decretos de enfrentamento à pandemia. *Agência Senado*, [S. l.], p. 0-4, 23 maio 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/23/governofederal-revoga-decretos-de-enfrentamento-a-pandemia>. Acesso em: 1 set. 2023.
- SES (Secretaria de Estado de Saúde). Dispõe sobre medidas de biossegurança para manejo de cadáveres. Disponível em: [https://www.saude.ms.gov.br/wpcontent/uploads/2020/11/RECOMENDACOES-MANEJO-DE-CADAVERES\\_Rev2\\_16\\_11\\_2020.pdf](https://www.saude.ms.gov.br/wpcontent/uploads/2020/11/RECOMENDACOES-MANEJO-DE-CADAVERES_Rev2_16_11_2020.pdf). Acesso em: 20 abr. 2023.
- SOUZA, C. P.; SOUZA, A. M. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e fun-

- ções. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, e35, 2019.
- THOMAS, L.V. *Antropologie de la mort*. Paris: Payot, 1975.
- THOMAS, L.V. *Rites de mort – por la paix des vivants*. Paris: Fayard, 1985.
- WHO. Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020. *World Health Organization*. Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-COVID-19---11-march-2020>. Acesso em: 20 set. 2024.